

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

## 1. Circulando pelo “Bosque”, adentrando o zoo

O presente trabalho<sup>1</sup> situa-se em um campo de problematizações que giram em torno das relações entre humanos e não-humanos, no caso, os profissionais nomeados “tratadores” com os animais cativos no espaço circunscrito do Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves, localizado na cidade de Belém (PA). Trata-se de um espaço verde urbano que, atualmente, possui uma área total de 15 hectares (151.867 m<sup>2</sup>) distribuída em quatro quadrantes e 112 canteiros, contendo vegetação nativa de terra firme e abrigando uma rica biodiversidade no contexto urbano.

As experiências interespecíficas no pequeno zoo existente no interior do “Bosque” (como é popularmente conhecido), são caracterizadas por relações de convívio entre profissionais trabalhadores, os visitantes e a biodiversidade local – de vida livre e em cativeiro. Tais agentes compõem paisagens coexistenciais (Silveira, 2014) onde contatos e misturas entre humanos e não-humanos se efetuam, variando conforme as possibilidades e vicissitudes de tais interações, quando tratadores e animais cativos exercem formas de socialidades bastante variadas, sobretudo, para os tratadores, nos encontros cotidianos versando a realização de suas tarefas, tais como: higienização de recintos, alimentação, entre outras motivações possíveis de encontros diversos.

Todavia, se o zoo configura-se enquanto um espaço no qual ocorreriam (des)encontros entre humanos e animais, a partir das possibilidades de observação mútua (Berger, 2009), as relações entre tratadores e os animais cativos tencionariam um complexo de socialidades e itinerários ligados as suas atividades cotidianas – quando suas práticas de cuidado e conservação se efetivariam sob a ótica do *animal welfare* – marcadas por negociações de sentido, que tornam possíveis trocas de olhares e afetos, bem como

---

<sup>1</sup>Trabalho concebido a partir do Projeto de Bolsa de Produtividade do CNPq, intitulado “Estudo antropológico das interações de humanos com os não-humanos no Bosque Rodrigues Alves, na cidade de Belém (PA). Paisagens de evasão, conservação da biodiversidade e imaginário urbano”.

distanciamentos e misturas de animais humanos e não-humanos que serão descritas adiante, exigindo técnicas e táticas (De Certeau, 1997) na execução das tarefas diárias.

A produção imagética apresentada adiante resulta do acompanhamento dos itinerários cotidianos de “tratadores”, imersos na complexidade inerente ao jogo de aproximações e distanciamentos, que seriam próprios às relações com o “outro” animal, por vezes, para além dos gradeados e das cercas que circunscrevem o espaço designado por “viveiro”. Tais interações apontam para um aspecto “intimista”<sup>2</sup> de interação com as espécies componentes do acervo do zoo. Interações dessa ordem *tensionariam* dimensões de afinidades que se tornam possíveis, singularmente, no ritmo de visitas cotidianas do tratador, considerando os componentes territoriais do animal em questão – percepções do ambiente e materiais na paisagem (Ingold, 2000), tais como gradeados, comedouros entre outros – que operacionalizam as condições e os contrapontos de passagem e aliança do tratador com o animal, bem como do ritmo de movimentação de ambos no viveiro. Dessa maneira, nas denominadas “rondas” diárias, os tratadores caminham pelo Bosque, buscando observar traços de atividades dos animais no viveiro, bem como suas movimentações ou relações interespecíficas com outros agentes, que possibilitem indicar aspectos de seu bem-estar ou situações-problemas a serem compartilhadas com os humanos.

Os tratadores seriam, ainda, responsáveis por “guardar” a rica biodiversidade local, se engajando em agenciamentos no universo conservacionista – neste caso, circunscritos ao Bosque – através de cuidados diários que perpassam desde a abertura do gradeado até as precauções relacionadas ao servir a alimentação dos cativos, efetuada nas distintas paisagens e/ou instalações do “Bosque”.

## **2. *Mise en scène* no “Bosque”, seguindo os tratadores**

---

<sup>2</sup>Aqui diferenciamos dos aspectos de intimidade *per se*, que concernem a uma interioridade psicológica, ou uma personalidade sentimental distinta e reservada em relação ao mundo “externo”, evocando, por isso, imagens do privado - Sennett (1988) discutiu com maestria as tensões entre público e privado no Ocidente moderno -, àquelas ligadas às possibilidades relacionais entre coletivos na perspectiva tanto de uma proximidade quanto da configuração de laços empáticos (sem, com isso, querer dizer que não possa existir tensões entre eles) que envolvem interações nas paisagens, não raro, com caráter público e que detém certa particularidade de interação. Intimismo, no nosso entendimento, se relaciona com uma dimensão processual que indica negociações entre formas interacionais para o convívio envolvendo agências de multiplicidades de humanos e não-humanos que coexistem na diferença – por isso, a partir de padrões e pontos de vistas distintos - em dado território compartilhado.

A partir dos encontros rotineiros com os profissionais pela manhã e parte da tarde<sup>3</sup> – imprescindíveis para a realização da pesquisa versando o cotidiano de trabalho em meio urbano (Velho, 1994) – procuramos caminhar com os tratadores e acompanhá-los em suas atividades. Nesses momentos as possibilidades de nos depararmos com a presença de cotias (*Dasyprocta azarae*)<sup>4</sup> atravessando rapidamente o caminho em nossa frente, ou de um macaco-de-cheiro (*Saimiri sciureus*) derrubarem galhos, sementes (quem sabe uma manga?), ofereciam oportunidades singulares de interação, olhares e contatos, além de pensarmos sobre a conservação das diferentes espécies existentes naquela área inserida no mundo urbano belenense.

Os tratadores chegam por volta das sete da manhã, concentrando-se nos espaços da cozinha, e em uma sala ao lado onde planejam suas atividades e guardam os instrumentos de trabalho (facas, mangueiras, vassouras, entre outros). Organizam-se e distribuem de imediato as tarefas, afinal as aves de vida semi-livre movimentam-se para forragear, ao passo que as que se encontram cativas já vocalizam a espera do alimento. Nota-se que as aves são caracterizadas por sua regulação homeotérmica à custa de uma alta taxa metabólica, necessitando de intensa ingestão de alimentos energéticos. Dessa maneira, os animais interferem na ordenação que é o servir o “outro”, sendo por isso privilegiadas ao receberem alimentos anteriormente às demais espécies do zoo.

A distribuição dos alimentos ocorre duas vezes ao dia, de acordo com a dieta do animal em questão: a primeira vez pela manhã, quando a recomendação é que seja realizada até às oito e meia da manhã para todos os animais. A segunda vez se dá pela tarde, entre uma e meia até às três horas. Nos viveiros, os procedimentos para a disposição alimentar estão engajados nas distintas temporalidades dos animais, desde os atos de preparo até a entrega - temporalidade humana que ressoa no relógio biológico animal, e desdobra-se em interações animais inter e intraespecíficas, como é o caso de um recinto onde ocorre o convívio entre diferentes espécies animais - duas espécies de jabutis (*Geochelone carbonária*) (*Geochelone denticulata*), araras (*Ara chloropterus*), garça (*Ardea Alba*) e guarás (*Eudocimus ruber*). A repartição do alimento implica socialidades com os tratadores – os animais se aproximam – e entre si compartilham os alimentos

---

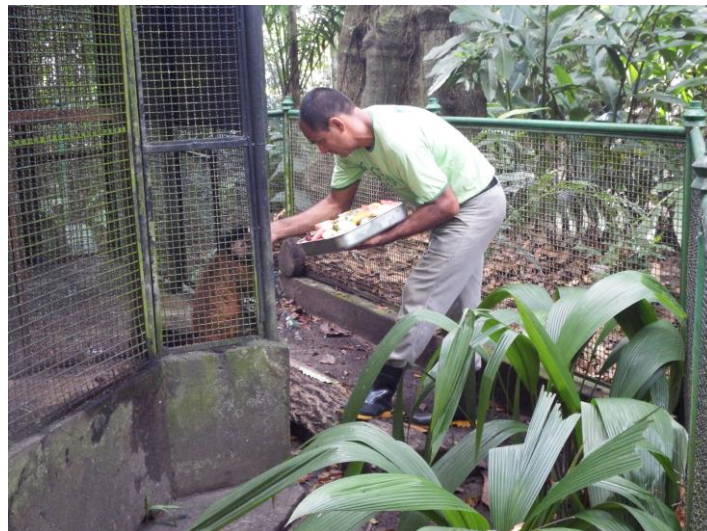
<sup>3</sup>Os tratadores iniciam suas atividades por volta de sete horas da manhã, sendo o término das atividades em torno de cinco da tarde.

<sup>4</sup>A nomenclatura referenciada das espécies baseia-se no inventário faunístico do Bosque (2014).

preparados e servidos em bandejas, de alumínio e plástico, ou/e espalhadas pelo recinto: no chão para os animais terrestres e sobre suportes de madeira para as aves.

Os macacos-pregos (*Sapajus apella*), por exemplo, a partir das sete e meia da manhã já esperam ansiosos o horário da alimentação, movimentando-se de um lado ao outro da gaiola. Com a aproximação do tratador que desponta com seu carrinho de mão trazendo o aguardado alimento, os quatro primatas movimentam-se ainda mais agitados. As duas fêmeas hierarquicamente dominantes sobre os machos controlam o acesso aos alimentos. Certa vez ocorreu o atraso do serviço de alimentação, por alguma eventualidade. Uma das araras-vermelha-grande (*Ara chloropterus*) calmamente (e comumente) saiu do viveiro e caminhou em direção à cozinha para “reinvindicar” sua comida, logo, a ave força o movimento do tratador que vai a seu encontro para alimentá-la.

Figura 1 - Tratador servindo macacos (*Sapajus apella*). Ele também *nos* olha.



Acervo pessoal: Matheus Silva (2014).

Figura 2 - O tratador e arara-vermelha-grande no Jardim Sensorial do Bosque.



Fonte: Acervo pessoal Matheus Silva (2014).

A observação de temporalidades compartilhadas no cronograma de alimentação apontam para táticas relativas ao comportamento do animal, que agencia seu deslocamento ao longo do viveiro, imputando ao tratador uma “negociação” de sentido na interação que estabelece com ele. O tratador precisa exercer através do “trabalho da memória” (Bosi, 1994) a comparação entre o presente – “o estar ali”, ou ainda, o estar *com* o outro - e as suas experiências passadas junto àquele animal, considerando, obviamente, as sucessivas aproximações e distanciamentos espaciais em relação a ele, bem como o seu histórico alimentar.

Figura 3 - O tratador e o tucano (*Ramphastus tucanus*) no viveiro: troca de olhares e o compartilhamento de experiências.



Fonte: Acervo pessoal Matheus Silva (2014).

Os cuidados cotidianos são realizados com base no conhecimento e na relação acerca dos comportamentos do e *com* animal em questão, apontando, assim para o que estamos entendendo como uma expressão do “intimismo” interespécies, onde afetos e afinidades são experimentados na proximidade e no distanciamento – portanto, como um processo de negociação – por meio de componentes territoriais dos animais não-humanos – percepções e materiais na paisagem, referentes à composição dos lugares onde ocorrem os (des)encontros, portanto, onde certo os dispositivos de observação e troca de olhares mútuos ocorrem. É preciso considerar a presença de gradeados, pontes e utensílios envolvidos no processo de visitação, em especial nos viveiros – que espaço que permite condições e contrapontos de passagem e aliança de tratadores com animais cativos. E, por certo, oferecem “resistências” e “negociações” quanto às proximidades e contatos – não se trata de meras reações comportamentais “influenciadas” por um ambiente externo, pois humanos e não-humanos tornam-se *companion-agents* (Despret, 2013), engajando-se entre si em processos vitais, vinculando-se pela coexistência nas paisagens do Bosque.

Em relação às dimensões do intimismo entre animais e tratadores, em duas conversas realizadas com tratadores, são apresentados elementos conviviais experimentados nas relações “intimistas” com os animais:

Moisés - Existem dois fatores predominantes pra isso: o primeiro é... Que quando o animal não se apega a alguém, ele teme, então quando ele temer, ele geralmente não ataca. Então isso dá uma segurança para o tratador porque quando o animal se acostuma com a pessoa ele cria confiança, até mesmo para se gerar um ataque. Outro fator que a gente leva em consideração é o fato de que hoje você está no local de trabalho e amanhã você pode não estar. [15/10/2014].

Paulo Vitor - Quando a gente entra, a gente primeiro olha. Vê se é o animal primeiro, vê se ele não está em ponto de ataque né, e olha, e entra tranquilamente, e vai limpando lentamente, que aí ele vai perceber. A comida, você não pode fazer muito barulho. Visitante não pode fazer muito barulho quando a gente tá dentro do recinto, que é pra ele não morder a gente. Ainda tem isso também.

- Têm, no caso, esses horários estratégicos pra determinado animal, quando não tem muita gente no recinto. Ai vocês vão lá.

- Exatamente, por que se tiver muita gente dentro, nas laterais, do recinto, o quê que acontece? A vítima pode ser nós, entendeu!? Lá dentro... Mordem nós lá dentro. A gente evita o máximo possível num horário assim intermediário.

Se entra um [tratador] no viveiro com um fluxo de gente muito grande, muito agito, automaticamente o bicho já fica agressivo. Pode ser a vítima, pode ser eu lá dentro: ele pode me morder. Tem que ficar em total silêncio. Total sigilo lá dentro, pra não acontecer nenhuma coisa grave

Uma confiança, aí vai ficar normal. Tem, por exemplo, aqui a arara azul. Elas são muito delicadas, a arara azul. Muito. Tem esses bichos assim que são muito carinhosos, entendeu, com a gente. Então, são essas coisas... [16/10/2014]

Os tratadores engajam-se em socialidades com animais, situando-se nos recintos através de troca de olhares, destacando-se, sobretudo as condições de possibilidades que deslocam o limite e a efetividade de formas interacionais múltiplas entre as esferas da natureza e da cultura.

### **3. No meio do zoo: acerca do olhar do tratador**

O zoo permite a observação rotineira dos animais em cativeiro devido ao posicionamento dos recintos que estão em nível mais alto, ou pelo destaque de sua localização no cenário, como é o caso do lago do peixe-boi e o das tartarugas, que estão situados sob um desnível no solo, ambos, próximos a pontes com um grau de elevação que propiciam a ampliação do campo visual, importante para os tratadores e o público nas ações de tratar para os primeiros, e de ver<sup>5</sup> e/ou fotografar os animais para os segundos, de acordo com as motivações que orientam o olhar lançado ao “outro”.

Os cuidados baseados, sobretudo, no olhar e na percepção do tratador, constituem os componentes fundamentais na constituição do conhecimento acerca de comportamentos animais e, a partir daí, no exercício de técnicas e táticas (De Certeau, 1997) para a execução de ações que visem o bem-estar animal - portanto, para uma coexistência não agonística interespecies - diante de vicissitudes enfrentadas em tais socialidades relacionais (Ingold, 2000), a exemplo do estresse sofrido pelos agentes não humanos devido aos tamanhos inapropriados dos recintos<sup>6</sup>, apontando, assim, para a existência de uma tensão quanto ao compartilhamento dos lugares (entre os indivíduos da espécie e, deles com os humanos), bem como nas posições ocupadas pela instituição na rede de conservação de zoológicos.

---

<sup>5</sup>Estebanez (2008) apresenta como características dos zoológicos modernos a possibilidade de “ver todo o conteúdo” do espaço delimitado (os animais figurando na paisagem do recinto em questão). A espacialidade enquanto uma miniatura essencialmente “exótica” do mundo. A noção de exotismo estaria marcada pelas relações de poder inerentes ao olhar colonizador, historicamente situado, na construção da alteridade.

<sup>6</sup>O Bosque encontra-se em um período de reformas, construções e readequações relacionadas ao IBAMA. Para ver os códigos e políticas de biodiversidade nacional, no caso sobre a fauna, segundo as normas do IBAMA: <http://www.ibama.gov.br/servicos/autorizacao-de-empreendimentos-utilizadores-de-fauna-silvestres-sisfauna>. Acesso em 25 de julho 2015.



Em uma conversa o tratador Gelson destacou que um dos aspectos de seu trabalho está voltado à constituição de parâmetros que objetivem acompanhar a saúde do animal:

- Tipo a gente, tratador, é um observador do que acontece. É observador, tipo de olhar eles. Assim, quando tem um animal doente; quando tem um animal triste, a gente observa e passa pros técnicos. Leva pra eles. Aí eles vêm olhar o que é, e tal. Nesse caso, a gente, é responsável. O tratador ele tem que reparar também isso, o comportamento, como é que eles estão, se eles estão... O comportamento onde ele tá... O comportamento de onde, porque eles... Tá um pouco debilitado aí eles mudam. Eles chegam a mudar sim, o comportamento deles. [14/09/2014]

O olhar do tratador relaciona-se, por certo, ao exercício de biopoder – em suas percepções e intervenções diretas sobre o corpo do *Outro* – que encarcera o vivo e atua sobre ele, mediante dispositivos de produção do seu bem-estar dentro de uma lógica de regimentos que visam a sua conservação. Desta maneira, a biometria é realizada tentando obter dados característicos dos animais (altura, sexo, entre outros) para um maior controle quanto às condições de vivência e reprodução, bem como visando contribuir para o bem-estar animal, pois acompanha o desenvolvimento e crescimento das espécies. Além de mapear a quantidade de espécies e sua distribuição geográfica. Numa dessas atividades os quelônios tiveram seus cascos medidos e marcados com um adesivo contendo seu tamanho e sexagem – por biólogos, responsáveis pelos procedimentos – criando uma identidade “biológica” dos indivíduos.

Figura 4 – Agenciamentos sóciotécnicos (Latour). Biometria realizada no Bosque.







Fonte: Acervo pessoal Matheus Silva (2015).

Por outro lado, a partir das avaliações sensíveis do tratador que identifica sinais de adoecimento, o animal em cativeiro é submetido ao olhar perscrutador de caráter técnico e analítico da biomedicina animal, que interroga a sua sintomatologia, a fim de que sejam tomadas as decisões sobre o seu manejo. O auxílio pode ser oferecido no interior do próprio recinto, ou dependendo de suas condições, o animal é destinado ao tratamento na área de quarentena.

Deste modo, o denominado *animal welfare* problematiza um conjunto de práticas relacionadas a seus aspectos físicos e, sobretudo a observação de comportamentos tensionados (Dawkins, 2004) sob certas circunstâncias, exigindo a percepção do tratador e sua leitura de sinais na paisagem corpórea do animal (as marcas da paisagem, de acordo com Berque, 1998), impressas *no* animal não-humano. No caso do peixe-boi, a médica veterinária Juliane destacou a procura diária por traços que indiquem aspectos sobre sua vitalidade: fezes, vestígios de alimentos, ou movimentações “irregulares”, como ficar de bruços no lago.

A proximidade cotidiana do tratador *com* o animal, no interior do recinto, exige uma atenção frequente para se evitar os acidentes e “descuidos” no local. As entradas costumam ocorrer com cautela, observando a posição do animal no recinto e analisando previamente as formas de como estabelecer o contato a partir de seus gestos e movimentos, envolvendo, ainda, o uso dos equipamentos (pratos, remédios, varas, vassoura, entre outros) de acordo com a tarefa que executará no recinto. É preciso deixar claro, que mesmo os menores movimentos podem configurar uma “ameaça” para a percepção animal, colocando tanto a vida do tratador quanto a do animal em risco.

Os riscos enfrentados pelos tratadores advêm de seu acesso diferenciado, em relação a outros humanos, quanto aos animais no recinto. Tais situações podem envolver ataques de animais - a exemplo de “ataques” ocorridos por tucanos de peito branco (*Ramphastus tucanus*) e papagaios do mangue (*Amazona amazonica*), ou a fuga de Macacos-prego (*Sapajus apella*). Acontecimentos atribuídos ao estresse excessivo sofrido pelos animais – pois, em algumas situações eles indicam mediante movimentos e comportamentos ante a presença do tratador, as situações problemáticas em que se encontram envolvidos.

Os riscos pela passagem dos gradeados que *a priori* “separam” os humanos dos animais é inerente a sua profissão (Estabanez, 2010), principalmente a partir das atividades cotidianas nutridas no tempo compartilhado, conferindo ao tratador um acesso privilegiado ao animal. Os tratadores ao realizarem suas “rondas” diárias, envolvem-se *com* seres vivos em práticas de sentido que os forçam a um engajamento no mundo através de agenciamentos sociotécnicos (Latour, 2005) com médicos veterinários e biólogos, fundamentais as suas atividades pelo fato de propiciarem circunstâncias favoráveis à convivência.

Diante de certas situações – envolvendo stress, ou outras formas de adoecimento - médicos veterinários e biólogos são acionados. Em alguns casos, as intervenções realizam mediante o uso de técnicas de enriquecimento alimentar e ambiental (Bloomsmith, 1991), envolvendo argumentações e ponderações sobre a reprodução em cativeiro, de maneira mais aproximada possível de suas condições em contextos “naturais”, como indicadas em outros estudos (Boere, 2001; Coe, 1985; Dawkins, 2004). Portanto, ainda que o estresse não possa ser erradicado completamente – aliás, nem deve ser evitado completamente, pois permite aos animais cativos que se preparem para enfrentar dificuldades exigidas no meio – tais medidas permitem, ao menos, a possibilidade de atuar sobre o animal de forma a contribuir na melhoria de sua saúde, e assim, de aumentar seu campo de experiências conjuntamente aos humanos.

Porém, há dificuldades em se determinar se as condições de adaptação do animal às situações vividas por ele em cativeiro são favoráveis ao seu bem-estar, pois podem apresentar miríades de sofrimentos nos processos envolvidos (Dawkins, 2004), seja na higienização dos recintos, ou até mesmo, na assistência médica ou cuidados diversos engendrados por médicos veterinários e tratadores, pois “a presença do próprio tratador

pode estressar o animal” [09/06/2015], segundo Gelson. No recinto dos macacos-prego (*Sapajus apella*), por exemplo, foram acrescentados pneus, cordas, galhos e um tronco de árvore, a fim de aumentar a mobilidade dos animais na espacialidade do lugar, devido ao fato de estarem sujeitos a obesidade por falta de atividades, o que veio acompanhado de um desbalanceamento em suas dietas.

Em outra situação, o biólogo Távison amarrou pedaços de milho em um poleiro no recinto, introduzindo elementos que estimulam/induzem a movimentação da arara-vermelha, que se movimenta para bicar e se alimentar. As práticas empregadas pelos tratadores, médicos veterinários e biólogos corroboram para a ampliação da qualidade de vida do animal em cativeiro, aludindo a técnicas de enriquecimento ambiental (Bloomsmith, 1991) e alimentar, de modo que introduzem elementos que variam desde a música, a colocação de elementos como redes e cordas (também para os macacos pregos) e a promoção de relações sociais, com o intuito de possibilitar uma convivência não-agonística de humanos e não-humanos.

Além disso, as modificações climáticas têm como consequência o fato de que animais doentes ocupam, de forma mais frequente, a área destinada à quarentena, local onde são isolados em jaulas com seus respectivos dispositivos de cuidado, necessitando, desta forma, de atenção redobrada. A quarentena fica sob estrita supervisão de tratadores, biólogos e médicos veterinários. Os animais “doentes” ou que são doados ao local, passam por um processo de adaptação e de recuperação, ficando em estado de observação contínua por um determinado período: recebendo visitas para higienização dos recintos e alimentação, além dos cuidados necessários. O espaço configura-se, ainda, enquanto o “lar” de algumas espécies, visto a impossibilidade de inserção e readaptação em ambiência semi-livre, ou em recintos, a exemplo do quati “Wesley” (*Nasua nasua*) que permanece na quarentena a mais de seis meses, segundo o tratador Gelson. Esse tratador ainda ressaltou aspectos que circunstanciaríamos tais dificuldades para a reintrodução, pois estes ficavam “presos o tempo todo”, “dependendo da alimentação dada” pelos tratadores, biólogos e médicos veterinários.

Notamos que ao longo de paisagens coexistenciais do Bosque emanam imagens sensíveis e dinâmicas, evocadoras de um campo de possibilidades quanto às interações rotineiras entre humanos e não-humanos no mundo urbano, onde os (des)encontros e as partilhas de afinidades entre seres vivos – imagens da natureza e da cultura amazônica – indicam formas de socializações a partir de experimentações multisensoriais engendradas

no caminhar com o outro no mundo urbano (Pink, 2007; 2008; 2009). Agenciamentos próprios às deambulações dos tratadores – que os etnógrafos acompanham – problematizando tensões peculiares de condições no intercurso das interações/sociedades (Simmel, 1983), expressas nos cuidados e nos posicionamentos adotados pelo tratador, configurando um “intimismo” nos territórios de animais cativos e um tema promissor a uma etnografia multiespécies (Kirksey; Helmreich, 2010) na urbe.

Figura 5- O tratador Elinaldo junto a Arara-Azul (*Anodorhynchus yacanthinus*) conhecida como "Duda".



Fonte: Acervo pessoal Matheus Silva (2015).

#### **4 – Considerações finais**

A experiência cotidiana dos tratadores junto aos animais cativos no Bosque Rodrigues Alves, de acordo com a tarefa em questão é efetuada com o estabelecimento de negociações de sentido através de distanciamentos que instauram posições diferenciais, não somente através de grades de ferro, sendo importantíssimo atentar para os posicionamentos adotados ao entrar em contato com os animais, mas também, envolvendo, falas, olhares e toques, ou ainda, um processo de “intimismo” aberto, constituído na temporalidade compartilhada que permite ao tratador cuidar atenciosamente (apoiados por biólogos e médicos veterinários), a fim de proporcionarem a conservação e o bem-estar da vida animal em cativeiro.

Ao deambular pelo Bosque com os tratadores, acompanhando sua labuta, foi possível observar a construção de conhecimentos e técnicas que constituem suas

profissões, empregadas no manejo animal em um espaço permeado por riscos e acidentes nas interações, que acentuam as desigualdades na dinâmica social do vivido com os não-humanos, notadamente no exercício de poder sobre a vida animal (parâmetros de saúde e bem-estar), bem como às atitudes e experiências que ampliam suas habilidades de interação com as paisagens do Bosque, descritas nos sucessivos deslocamentos de seres vivos.

Os laços e relações interespécies, principalmente os constituídos por tratadores e animais cativos, forçam-nos ainda a pensar possibilidades de (des)encontros com os animais, por meio de dispositivos de contato e de observação mútuos que propiciam socialidades que respeitam itinerários, as espacialidades dos recintos e seus entornos, a malha de elementos que compõem os materiais e os espaços onde habitam os animais), bem como atitudes e percepções acerca do “outro”, pois a existência dos não-humanos se dá conjuntamente à presença humana ao longo do Bosque, uma vez que ambos figuram as paisagens desde suas diferenças coligadas.

## **Bibliografia**

BERGER, J. 2009. *Why look at animals?* London: Penguin Books.

BERQUE, A. 1998. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p. 84-91.

BLOOMSMITH, M. A. BRENT, L. Y. & SCHAPIRO, S. J. 1991. Guidelines for developing and managing an environmental enrichment program for non-human primates. *Laboratory Animal Science*, v. 41, p. 372-377.

BOERE, V. 2001. Behavior and environment enrichment. In: Fowler ME, Cubas ZS. *Biology, medicine and surgery of South American wild animals*. Ames, IA: Iowa University Press, p. 263-266.

CERTEAU, M. de. 1997. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Ed. 3. Rio de Janeiro: Vozes.

COE, J. 1985. Design and perception: making the zoo world real. *Zoo Biol*, v.4, p.197-208.

- DAWKINS, M.S. 2004. Using behaviour to assess animal welfare. *Animal Welfare*, v. 13, p. 3-7.
- ESTEBANEZ, J. 2010. Ceux qui sont proches: lês soigneur sau zoo. *Sociétés*, v.2, n. 108, p. 47-57.
- \_\_\_\_\_. 2008. Les jardins zoologiques ou l'exotique a porte de main. *Le Globe*, n. 148, p. 49-67.
- KIRKSEY, S. E. HELMICH, S. 2010. The emergence multispecies ethnography. *CULTURAL ANTHROPOLOGY*, V.25, N. 4, p. 545-576.
- LATOURE, B. 2005. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34.
- MAGNANI, J. G. C. 2009. No meio da trama. A antropologia urbana e os desafios da cidade contemporânea. *Sociologia, problemas e práticas*, n. 60, p. 69-80.
- MARVIN, G. 2008. L'animal de zoo: Um rôle entre sauvage et domestique. *Techniques & Culture*, v. 50, n.1, p. 102-119.
- PINK, S. 2007. Walking with video. *Visual Studies*, Vol. 22, N. 3. p. 240-252.
- \_\_\_\_\_. 2008. A urban tour: The sensory sociality of ethnographic place - making. *Ethnographic*, V. 9, N. 2, p. 175-196.
- \_\_\_\_\_. 2009. *Doing sensory ethnography*. London: Sage.
- ROCHA, A. L. C. da. 1995. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração dos símbolos. *Horizontes Antropológicos*. UFRGS, Porto Alegre, n.2.
- ROCHA, A. L. C. da. 2003. Tecnologias Audiovisuais na Construção de Narrativas Etnográficas, um percurso de investigação. *Campos*, V.4, p. 113-134.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIMMEL, G. 1983. *Sociologia*. In: Moraes Filho (Org.). São Paulo, Ática.
- SILVA, H. R. S. 2009. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, n. 32, p. 171-188.

SILVA, M. & SILVEIRA, F. 2015. Sobre os (des)encontros entre tratadores e animais no zoo. *Ipiranga Pesquisa*, Belém, v. 3, n. 1, p.182.

SILVEIRA, F. L. A. da. 2014. Paisagens do Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA): considerações sobre a conservação do patrimônio urbano no contexto amazônico. *Antíteses*, v. 7, n. 14, p. 230-257.

SILVEIRA, F. L. A. da, GARCIA A. 2014. Paisagens coexistenciais: Por uma etnografia visual interespecies. *Amazônica: Revista de Antropologia (Online)* v. 6, n. 2, p. 526-550.

VELHO, G. 1994. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In. VELHO, G. (Org.). *O desafio da cidade: Novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

### **Dimensões relacionais de tratadores e animais cativos no zoo do “Bosque”**

Matheus Henrique Pereira da Silva (UFPA)<sup>7</sup>

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA)<sup>8</sup>

O presente resumo foi elaborado a partir de uma etnografia em curso, investigando as relações efetuadas entre humanos e não humanos, no Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves, localizado na cidade de Belém (PA), a partir de experiências interespecíficas entre os profissionais nomeados “tratadores” e, sobretudo os animais cativos que constituem o acervo de espécies do pequeno “zoo”, abrigado em seu interior. Propôs-se uma etnografia de perto e de dentro (Magnani, 2009) problematizando outras perspectivas da dinâmica urbana, através do acompanhamento e descrição das atividades diárias dos tratadores – alimentação, higienização dos viveiros, e cuidados diversos – com os animais. Buscam-se, ainda, a descrição de alianças efetivadas com outros profissionais (Médicos veterinários e biólogos) engajados em uma rede de agenciamentos sócio-técnicos (Latour, 2005) visando o estabelecimento do *animal welfare*, através de condições propícias de manejo e conservação – vibrando ao longo de paisagens coexistenciais (Silveira; Garcia, 2014) constituintes na cidade. Ao seguir os tratadores, investigam-se as negociações de sentido imputadas ao cumprimento de suas tarefas e estabelecimento de relações – trocas de olhares e afetos – apontando ademais para um “intimismo” em seus (des)encontros diários.

**Palavras-chave:** tratadores; animais; socialidades.

---

<sup>7</sup>Bolsista de Iniciação Científica/PIBIC-CNPq/Universidade Federal do Pará.

<sup>8</sup>Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo (LAANF)/Universidade Federal do Pará. Bolsista de produtividade do CNPq.